

Moralidade de bolso: A ‘manualização’ do ato de dar uma desculpa como índice da negociação da noção de ‘bem’ nas relações sociais

Alexandre Werneck

Pesquisador associado do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU/IFCS/UFRJ).
Doutor em sociologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ

Este artigo analisa livros que ensinam como dar uma boa desculpa para entender o papel desempenhado por esse ato na “manutenção” das relações sociais. Uma desculpa é um convite ao deslocamento de uma situação da generalidade da regra moral rumo à circunstancialidade do caso específico. Com a observação de uma centena de manuais, mapeiam-se dois tipos de desculpa, “Não era eu” e “É assim mesmo”, articulados para além dos conteúdos discursivos e pensados em um modelo de gramáticas de efetivação de significados dos elementos do social.

Palavras-chave: desculpa, manualização, manuais de desculpa, efetivação, manutenção das relações.

The article **Pocket morality: The ‘handbookization’ of the act of giving an excuse to negotiate the idea of ‘good’ in social relations** analyses Books that teach how to give good excuses in order to understand the role of this action in the “maintainance” of social relations. An excuse is a call to move a situation from the general status of a moral rule into the circumstantial frame of the specific moment. Based on the analysis of one hundred handbooks, the paper consider two types of excuses, “It wasn’t me” and “That’s how it really is”, on a model based on “grammars of effectiveness” of the social elements.

Key words: excuses, “handbookization”, excuse handbooks, effectiveness, maintenance of relations.

Fazendo gênero

Recebido em: 24/10/08
Aprovado em: 20/11/08

O livro traz uma capa de fundo fechado, totalmente em preto, com apenas uma moldura de riscos amarelados. No alto, em letras de mesmo tom, estampa-se: *Beyond the Bible (Para Além da Bíblia)*. Na base, na mesma cor, o subtítulo: “Inspirações para Qualquer Ocasão (e Situação)”¹. Trata-se, certamente, de um exemplar de um gênero de grande vendagem, a autoajuda religiosa, a sugerir citações de escrituras sagradas para iluminar momentos de dificuldade.

Quando, entretanto, o produto é manipulado, a discreta sobrecapa se solta e acaba por revelar a frente do volume interno e o outro lado da própria folha protetora: o material “inclui uma capa secreta reversível” em que se recomenda (em um vibrante balão estrelado na mesma área): “Carregue-o para reuniões ou qualquer outro lugar”.

¹ Uso os títulos no original (a fim de oferecer informação direta sobre a origem) e traduzo subtítulos e trechos.

Vê-se, assim, que o tom religioso é, na verdade, um disfarce. Capa e sobrecapa reais, idênticas, têm fundo vermelho. Na esquerda, emulando o design publicitário americano do pós-Guerra, um personagem, pensativo, sob um targa com o real título da publicação: *The Complete Excuses Handbook* (*O Handbook Completo das Desculpas*). No novo subtítulo, os autores, Lou Harry e Julia Spalding, jornalistas, prometem que aquele é “o guia definitivo para evitar a culpa e escapar da responsabilidade por todas as suas próprias falhas infelizes e erros gritantes”.

É digno de nota, então, o que o livro se propõe a fazer: compilar desculpas padronizadas que sirvam para variáveis tipos de situações. E “desculpa”, ali, assume um sentido específico, até mesmo com uma definição formal: “Explicação vazia para por que fazemos (ou não fazemos) aquilo que fazemos” (p. 10). Ou seja, trata-se de uma apresentação de motivo marcada pelo “vazio”, motivação não racional, talvez falsa.

Esse *Complete Handbook* apresentará, ao longo de 224 páginas, uma série de falas, todas passíveis de serem classificadas como desculpas dadas. Não se trata, então, de um método para pedir desculpas, para buscar o perdão do outro, demonstrando arrependimento. É, sim, um manual para a apresentação de discursos que, feitos no momento em que uma ação de alguém causa incômodo a outrem, evitam que a situação prossiga rumo a um conflito e, talvez, à ruptura. É uma obra curiosa, sem dúvida, para a qual o adjetivo “cínica” não deixaria de ser bem aplicado: afinal, é um manual de pretextos, de “desculpas esfarrapadas”, cujo uso denunciaria a falta de sinceridade do usuário. Uma desculpa padronizada, oriunda de um guia, seria tudo o que negaria o sentido de tal ato, extremamente recorrente nas interações cotidianas. Desfilarão por aquele pequeno volume desculpas para atrasos, grosserias, omissões, não entrega de trabalhos escolares, ausências em reuniões (sociais e de trabalho), e uma série de situações típicas. Útil volume, poder-se-ia dizer.

Mas o que é impressionante a respeito desse exemplo pitoresco de literatura, deste livrinho tão curioso, é o fato de que ele não é nada singular: ao final da investigação que resultou neste artigo, reuni nada menos do que 96 títulos², quase uma centena, em três línguas, que classificar sob a rubrica de *ma-*

2 A lista completa das publicações se encontra ao final do artigo, em anexo. Por conta disso, sempre que fizer referência a elas, usarei apenas o título. Em casos em que citar algum trecho textualmente, usarei o formato tradicional de referência, com autor, ano e número de página.

nuais de desculpa. São textos que ensinam procedimentos de uma espécie de estratégia relacional: como oferecer desculpas eficientes, capazes de impedir que o mal-estar produzido por uma ação produza um conflito. São obras de um amplo espectro de estilos e abordagens, como *1001 Excuses: How to Get Out of and Away With Anything*, lançado nos Estados Unidos; *1500 Excuses Imparables en Toutes Circonstances*, lançado na França; e o curioso *Garfield's Big Book of Excellent Excuses*, dirigido ao público infantil americano e guiado pelo famoso gato preguiçoso dos quadrinhos que gosta de lasanha e odeia segundas-feiras³. São livros como o brasileiro *1001 Desculpas Esfarrapadas*.

A existência de um gênero editorial como esse sugere uma difundida reflexividade instrumental sobre o dar uma desculpa, o reconhecimento da conversão de uma ação social em procedimento. O objetivo deste artigo é discutir o papel que o ato de dar uma desculpa desempenha na manutenção das ações sociais a partir da formatação dessas desculpas em um modo que chamarei de *manualização*, a conversão de ações sociais em um conjunto prescritivo de etapas, um roteiro predefinido. Manualizar é formalizar uma ação, estabelecendo uma gramática reflexivamente centrada nos fins desses atos. Pois acredito que observar a manualização de uma ação social ligada ao arrefecimento de possíveis conflitos, de situações de mal-estar relacional, como é o ato de dar uma desculpa, ajuda a entender de que maneira os atores lidam com a tensão entre a manutenção das regras morais e a manutenção das próprias relações.

Há, entretanto, uma primeira questão a ser tratada: meu corpus é constituído por um produto editorial escrito também em línguas diferentes do português e concebido em contextos culturais variados. Ao final de minha contagem, pude observar 87 livros americanos, o que certamente permitia considerar a existência de um gênero naquele país. Na França e no Brasil, esse mercado é consistentemente menor, com 4 títulos na primeira e três no segundo. A constatação de que se trata de um gênero nos EUA é reforçada ainda pelo grande número de editoras a produzir esses títulos, 78, configurando um mercado relativamente competitivo.⁴ O que resta como relevante nessa variação, entretanto, não são as diferenças entre os livros de cultura

3 A este livro somaram-se outros três com o mesmo espírito: *Scooby-Doo's Little Book of Big Excuses*, com dicas do cão dinamarquês medroso que acompanha jovens investigadores de casos sobrenaturais em um desenho animado da Hanna-Barbera; *Sponge Bob's Book of Excuses*, com as desculpas de Bob Esponja, o personagem *nonsense* e quase surrealista que habita o fundo do mar; e *Fairly Odd Excuses*, que tem como mestres de cerimônia os personagens do desenho que no Brasil recebe o nome de *Os Padrinhos Mágicos*. Estes dois últimos livros são da mesma editora, Simon Spotlight.

4 Explicar essa diferença seria uma empreitada por demais intrincada e de pouco interesse efetivo para os fins deste trabalho. Mas é possível que a discrepância de pujança entre o mercado americano – da ordem de 2,2 bilhões de exemplares por ano, segundo o *book report* do *The Christian Science Monitor* de 2007 – e o brasileiro – pouco mais de 400 milhões de unidades/ano, segundo dados de 2008 (e que pouco variam desde 1986) da Câmara Brasileira do Livro – dê conta em parte dessa disparidade entre os dois contextos e que semelhante diferença entre os segmentos de humor nos EUA e na Europa esclareça também boa parte da discrepância entre esses dois. Isso, entretanto, não passa de uma especulação.

para cultura, mas os traços semelhantes entre os produtos, permitindo constituir uma mesma categoria sociológica simetrizada. Listei, então, edições correntes – publicadas e à venda – em três mercados, correspondentes a três línguas: brasileiro (português); americano (inglês); francês⁵; e sobre eles debrucei-me em busca de observar regularidades nas maneiras como os autores desses livros, ao manua-lizarem a desculpa, observam, eles mesmos, regularidades.

Uma definição sociológica do dar uma desculpa

A desculpa tem despertado interesse esparso nas ciên-cias sociais, sobretudo no campo dos estudos interacionistas. A observação seminal se deu no plano da filosofia da lingua-gem, no trabalho de John Austin (1979), em um tratamento que enfatiza aos elementos linguísticos formais e no qual ele sugere uma definição situacional (p. 176):

Em geral, a situação é aquela em que alguém é acusado de ter feito algo, ou (para deixar mais claro) na qual é dito que alguém fez algo de mau, errado, inepto, indesejado ou des-favorável de alguma entre inúmeras formas. Logo depois, o próprio, ou alguém que esteja a seu lado, tentará defender sua conduta ou tirá-lo da situação.

A partir dele, Sykes e Matza (1957), Garfinkel (1967), Scott e Lyman (2008[1968]) e Goffman (1971) estabelece-ram uma agenda de pesquisa em que a desculpa aparece como categoria de um quadro em que discursos são utili-zados para “dar conta” das ações. Scott e Lyman em especial situam formalmente o dar uma desculpa como tipo de *ac-count*, ou seja, como o ato de prestar conta, de dar satisfa-ção por algo, ou, mais formalmente, “um discurso feito por um ator social para explicar uma ação imprevista ou um comportamento problemático, seja esse comportamento da própria pessoa ou de outros, ou quer a causa imediata a provocar esse discurso provenha do próprio ator ou de ou-trem” (p. 112). Eles estão interessados na qualificação desses discursos como “habilidade para manter de pé as vigas da sociação rompida, para estabelecer pontes entre o prometido

5 A opção por essas três línguas se baseou nos pri-meiros textos que encontrei na pesquisa. Como inglês e português (ou, mais que isso, como os mercados america-no e brasileiro) se mostraram de antemão obrigatórios, o francês veio graças aos en-contros dos primeiros textos nessa língua. Além disso, havia uma razão prática: boa parte desta pesquisa foi reali-zada na Europa, em meu pe-ríodo de estágio doutoral em Paris, durante o qual pude ir a Londres.

e o executado, para consertar o que está quebrado e trazer de volta quem está longe” (p. 111). A desculpa, no modelo deles, é um de dois tipos de *account*, ao lado das “justificações”. A primeira é aquele *account* “em que alguém admite que o ato em questão seja ruim, errado ou inapropriado, mas nega ter plena responsabilidade sobre ele”. A outra, o “em que alguém aceita a responsabilidade pelo ato em questão, mas renega a qualificação pejorativa associada a tal ato”.

Mais recentemente, dois principais tipos de abordagens têm analisado a desculpa: por um lado, autores como McEvoy (1995), Benoit (1995), McDowell (2000) e Boltanski (2004) têm olhado para a desculpa como uma forma de autodefesa. Por outro lado, trabalhos mais antropológicos, como os de Herzfeld (1982, 2006) e Idomeneos (1996), têm explorado seu papel nas formas de legitimação de elementos culturais. No primeiro caso, a desculpa aparece diante de uma tensão entre bem de si e bem do outro. No segundo, surge como uma forma universalizada de diferenciação cultural.

Mas seja em uma abordagem seja na outra, esses modelos pressupõem o próprio reconhecimento da relevância da desculpa: sua construção como categoria sociológica parte do fato de que ela é um elemento relevante da vida social, integrante do grupo de ações capazes de garantir que o próprio social se mantenha. Entretanto, no fundo de todos esses trabalhos repousa uma dimensão mais abstrata que não tem recebido, em minha opinião, atenção devida: a abordagem de Austin (1962) é particularmente importante porque trata as desculpas (em ambos os sentidos do termo, quer como pedido de desculpas, quer como desculpa dada) como “performativos”, ou seja, como discursos que, em si próprios, realizam ações (por exemplo, a fala “Declaro aberta esta reunião”, que não depende de nenhum outro ato para abrir uma reunião). Essa ideia me levou a pensar que há no dar uma desculpa um ato mais elaborado do que apenas apresentar um motivo: nessa situação, uma desculpa pratica um ação específica para além do falar, e essa ação é justamente a questão aqui. Acredito que se trate da tensão entre generalidade e circunstancialidade em um quadro em que essa tensão faz parte do processo de *permissão* para que as ações – e, em consequência, as relações – tenham continuidade, ou seja, para a *manutenção* dessas relações.

A escolha do termo “manutenção” é central. Ele colhe dois sentidos que se mostraram primordiais em minha pesquisa. Primeiro, o significado mais simples, o de manter, no sentido de preservar, ou seja, de fazer uma coisa continuar existindo. Ao mesmo tempo, ele chama a atenção para a dimensão cotidiana de uma relação, para o fato de que ela depende de “manutenção”, de pequenos consertos, de pequenos ajustes, como uma máquina, como um sistema. A palavra vem de *manutentio*, latim medieval, e significa “ato de segurar com a mão”. Refere-se ao tomar conta, à “ação de manter”. Isso aponta ainda para uma outra conclusão sobre as relações, sua condição dinâmica: fazer a manutenção é constantemente consertar, e consertar é mudar para permitir a continuidade e não parar o tempo. A relação sempre sai de uma situação de manutenção alterada, ampliada, mais complexa, mais efetiva.

Outro termo digno de nota que acabo de usar é “permissão”. Usei-o de maneira provisória, precária. Esse uso serve especialmente para levantar uma primeira questão, que será central para o problema aqui discutido: de que fenômeno se está falando quando se responde por uma ação que está em questão? As ciências sociais e outros sistemas de pensamento têm usado vários termos para dar conta desse fenômeno: “realização”, em Hegel; “ação da ideologia”, em Marx; “legitimação”, em Weber; “justificação”, com um sentido em Goffman e outro em Boltanski e Thévenot (1987), “validação” para Habermas⁶; e vários outros modelos. Neste texto, proponho o termo *efetivação*. Por ora, entretanto, o problema é estabelecer o elo entre o dar uma desculpa e a manutenção.

6 A engenharia utiliza esse termo em um sentido curiosamente próximo de uma abordagem pragmática: no campo da engenharia de processos, sobretudo no que diz respeito ao controle da qualidade, “validação” é uma forma de assegurar que um processo ou um produto tenha características que ofereçam respostas repetíveis, previsíveis e dentro de um determinado padrão desejado. Validar, nesse sentido, é atestar que alguma ação terá continuidade e produzirá os efeitos desejados.

Manualização

O primeiro ponto a ser observado dos manuais de desculpa é a própria ideia de manualização, ou seja, a noção de que determinada ação social (e que, portanto, influencia e/ou é influenciada por outrem) pode ser objeto de uma metodologia, que ela pode ser entendida como procedimento e ser realizado segundo padrões de conduta mais ou menos rígidos (variando de acordo com o grau de exigência de cada objetivo). Um manual é criado para garantir a realização de algum

procedimento, para fazer “com que algo seja feito sempre da mesma maneira” (THÉVENOT, 2006-2007). Obviamente, nem toda ação pode ser manualizada. Apenas aquelas dotadas de repetibilidade procedural e objetivo definido (ainda que esse objetivo seja a própria ação em si, como no caso de uma ação esportiva). Há, entretanto, outro ponto mais central para permitir essa utilização. Becker (2007), ao discutir metodologia em ciências sociais, diz que cada método depende de encontrar formas de observar maneiras segundo as quais situações sociais se concretizam. Blumer (1986) questionava fortemente a maneira como a teoria social tentava preceder às formas de concretização dos conteúdos simbólicos. Essas duas abordagens permitem duas observações: a primeira é sobre a ideia de “concretizar”, ou seja, de passar do abstrato para o concreto; a segunda, oriunda da primeira, é que manualizar é apontar para um traço de uma ação que pode ser lido como “competência”. Esse termo aparece aqui no sentido de Latour (1997, p. 148), ou seja, como traço demonstrado na ação localizada a apontar para sua alocação em uma gramática actancial, com desenvoltura dentro de regras de ação que verificam critérios de concretização⁷. Se o mercado editorial é capaz de produzir manuais de desculpa é porque as desculpas dadas demonstram, em suas ações, uma forma de competência, de alocação em regimes que as tornam concretizáveis e, nesse caso, reconhecidas como eficientes, adjetiváveis como “competentes”. A ideia é, então, pensar a desculpa como a ponta do iceberg de uma competência actancial. Quando se percebe uma ação manualizável, está-se diante de uma ação da qual se espera uma demonstração de competência, ou seja, um traço que, percebido, lhe permita acontecer sem resistência, sem conflito, sem violência.

Nesse sentido, o dar uma desculpa poderia, a princípio, ser pensado segundo duas diferentes concepções: primeiro, como “ritual”, ou “rito de interação”, no sentido de Goffman (1967; 1971). Esse tipo de abordagem entende a desculpa como ação que, reconhecida em seus procedimentos formalizados, é previamente aceita, uma vez que está incorporada. Mas ela pode ser entendida também, como disse anteriormente, de uma outra maneira, como ação que demanda avaliação (SCOTT e LYMAN, 2008 [1968]) e, nesse sentido, como tipo geral de uma série de atos dependentes de

7 Boltanski (1990), por exemplo, trata o “amor e a justiça como competências”. Isso é possível porque as ações dos atores podem ser consideradas “amorosas” e “justas”, ou seja, porque nelas são observados traços dessas características que permitem que essas ações se concretizem.

um constante processo de prestação de contas, de *accounts*. Tanto um quanto outro tipo poderiam, a princípio, serem manualizados: o primeiro estritamente pela repetibilidade procedural que garante ela mesma a efetivação; a segunda pelo reconhecimento de uma competência actancial que lhe permita a conformação metodológica pela eficácia actancial⁸. O que aponta justamente para um traço do objeto: a criação de um gênero literário como tal sugere que o dar uma desculpa aponta para um tipo de competência específica, e especialmente instrumentalizável (e, em geral, instrumentalizada) pelos atores. A questão aqui é: que competência é essa instrumentalizada no ato de dar uma desculpa?

Manuais

Começemos com um exemplo brasileiro: *1001 Desculpas Esfarrapadas* é um manual de desculpas típico, trazendo exatamente uma listagem de *accounts*, classificando-as segundo diferentes situações. O volume já é digno de nota por seu uso da metalinguagem: na introdução, o autor, dando uma desculpa, explica que o livro não traz de fato 1001 delas, como seu título promete: “Na verdade, a primeira versão dele foi perdida quando seguia para a editora, sobrando apenas essas poucas que aqui estão” (p. 4). No livro, opera-se ironicamente com a tendência a dar desculpas para tudo de que as situações parecem acusar o ser humano. Aliás, este é um traço central dos textos que investiguei: os painéis de desculpas apresentados nos livros são sempre um misto de várias desculpas reais, de uso corrente, e outras tantas produzidas “artificialmente” pelo bom humor dos autores. Adiante falarei dessa ambiguidade entre humor e autoajuda. Por ora, atendo-me ao processo de manualização.

O que se vê é o método hiperbólico de apresentação típico do humor. Por exemplo, para as pessoas que fazem regimes, mas continuam comendo, Domenico recomenda dizer: “Eu sou do tipo perfeccionista: quando corto um pedaço de bolo, gosto de deixar bem reto. Enquanto não consigo acertar, não paro” (p. 44). É claro que *1001 Desculpas Esfarrapadas* não recomenda de fato que se atribua um transtorno obsessivo compulsivo em relação à partilha de um doce. Esse

8 Impressiona o fato de haver um crescimento considerável no número anual de lançamentos do gênero no terço final da apuração: enquanto de 1970 a 1998, os valores se concentram na casa dos dois lançamentos/ano (com um ou outro pico mai alto), dali por diante a média de lançamentos chegaria a 5 por ano, com pico de 8 (2006). Esse dado sugere um interesse maior do mercado por esse tipo de publicação e, nesse sentido, uma difusão maior da consciência de que o ato de dar uma desculpa se tornou uma ferramenta recorrente. Considerando a concentração do pico de lançamentos no ano eleito como “ano das *apologies*” (GOLDSTEIN, 2006), isso pode indicar uma maior circulação de empreendimentos morais, de discursos acusando o ato de dar uma desculpa de ser um mecanismo usado clinicamente pelas pessoas em geral e pelas públicas em especial.

exagero, no entanto, mais pinta com tintas fortes um padrão percebido do que cria um padrão de fantasia. Embora a obra invente as desculpas com as quais se constitui como método para oferecê-las, demonstra uma percepção acurada de como as pessoas o fazem.

Mas essa movimentação rumo ao hiperbólico é coordenada com outros movimentos. O primeiro traço digno de nota nos miolos dos livros é que, salvo nos títulos dedicados a mundos específicos – como *The Greatest Sports Excuses, Alibis, and Explanations* ou *101 (Un)Believable Excuses for Breaking your Diet* –, as desculpas são categorizadas segundo os tipos de situações (e contextos) em que são usadas. “Desculpas para...” é o mote dos capítulos. No primeiro exemplo que citei, o *The Complete Excuses Handbook*, por exemplo, essa qualificação é construída da seguinte maneira (pp. 4-5):

Desculpas gerais; para ausências/faltas, para artistas e celebridades; para falhar com alguém; ser amante; comer porcarias; para paquera e namoro; para o jogo; para ações estúpidas em geral; para não ser tão generoso quanto você podia; para questões domésticas; desculpas icônicas; para crianças, para atrasos; para sair cedo; para questões legais; médicas; para cheirar mal; para comer demais/não praticar exercícios; para pais; para festejar demais; para relações íntimas; para políticos; educacionais; para o s-e-x-o; para compras e vendas; para esportes; tecnológicas; para contar segredos; para o local de trabalho; usadas pelos ricos e pelos sem vergonha.

Uma galeria semelhante, embora mais compacta, aparece em *1001 Excuses*: “para o trabalho; para casa; para o mercado; para o telefone; para paqueras e namoros; para editores” (pp. 3-4). Nada muito diferente do que pude encontrar no sumário (e nos capítulos) do *The Little Book of Big Excuses*: desculpas “para não comparecer; para a vida doméstica; para ocasiões sociais; para crimes e pequenos delitos; desculpas do tipo ‘eu adoraria, mas...’; para tudo” (pp. VI-VII).

Esse tipo de contextualismo segue fortemente regular ao longo de toda a pesquisa. E, em geral, segundo uma mesma lógica: a de contextualizar a desculpa segundo diferentes formas de relação e diferentes espaços nos quais essas relações se manifestam. Para esses manuais, há um tipo de desculpa

a ser dado em casa (relações íntimas), outro no trabalho (relações institucionalizadas) e um terceiro em situações sociais intermediárias (como festas, interações furtiva ou próxima, mas não íntima). E, em paralelo a essa oposição, um tipo de desculpa para relações públicas (como as com o professor) e outro para as privadas (como entre namorados). Isso sugeriu de imediato a ideia de que a competência que eu procurava identificar tinha a ver com essa diferenciação entre um plano mais público – no qual é mais típico utilizar princípios universalizados – e um plano mais privado – em que seria mais típico o recurso a circunstâncias. Mas qual é a diferença entre os contextos sugerida pelos manuais? Como as desculpas variam segundo essas mudanças? No processo de responder a essa pergunta, observando os manuais, uma primeira percepção se tornou clara e apontou para elementos centrais na mecânica da manualização. Os manuais podem ser divididos em duas grandes categorias:

1) Livros centrados na quantidade de desculpas apresentadas: nesse tipo, capas, índices, projetos gráficos e textos apontam para a dimensão enciclopédica do manual, para uma capacidade de acumulação de casos particulares de desculpas, de exemplos. Nos títulos, essa informação é usada recorrentemente como elemento de atração, desde o uso de números absolutos, como em *1001 Desculpas Esfarrapadas*, *101 (Un)Believable Excuses for Breaking your Diet*, *100 Excuses for Kids*, ou *365 Excuses for Being Late to Work*, até o recurso a adjetivos indicativos de procedimentos de totalização, como *The Complete Excuses Handbook*, ou *The Little Giant Encyclopedia of Outrageous Excuses*.

A ênfase desse modelo está na ideia de que cada desculpa, cada narrativa, possui um valor intrínseco e que um manual centrado no número delas promove uma certa acumulação desse valor. Trata-se de uma precedência para a dimensão estética da desculpa: como o fim último da maior parte dessa literatura é fazer humor, ela aponta para as idiosincrasias fantasiosas de argumentos como: “Meu filho foi mordido por um jabuti raivoso e tive que levar o menino ao hospital” (DOMENICO, 2003, p. 20) (para cabular um compromisso); “Não queria interromper você, mas estou passando mal e vou vomitar nos seus sapatos” (ZGOURI-

DES e PICKERING, p. 55) (para interromper um participante chato de uma reunião de trabalho); “Você está louco! São seus óculos que provocam deformação” (FORTHINGHAM, EVANS e ROBINE, p. 73) (para alguém que diz que o outro engordou). Essa tentativa de peculiarização de cada desculpa é operada por um ignorar da busca de mecanismos gerais de construção. Mas, ao mesmo tempo, promove uma celebração da maneira como a retórica das desculpas sugere uma busca pela peculiarização, uma economia da singularização.

Nesse primeiro grupo, identifiquei 39 publicações. Dentre elas, o título estampava um número em 27 casos. Todos eles trabalham com números desejosos de simbolismo: oito títulos apresentam o número de 100 ou 101 desculpas (com o segundo valor ocupando a posição simbólica de $100+1$, ou seja, passando a ideia de que teve a criatividade de inventar “mais uma desculpa”, “uma a mais”). Quatro outros apresentam 1000 ou 1001 desculpas, em um jogo simbólico semelhante ao anterior. Cinco outros operam com o número 500. Três apresentam 365 ou 366 (o mesmo mecanismo do “uma a mais”), usando como referência o número de dias do ano. E os outros textos trabalham com números mais ou menos simbólicos, basicamente com valores curiosos, como *The Hooky Book: More than 200 Excuses for Rolling in Late, Skipping Out Early and Scamming a Whole Day Off* ou *His 90 Lame Excuses To Escape Commitment: Know What He Really Means...*

Além desses títulos, chama a atenção a maneira como os números escritos ganham destaque no projeto gráfico da capa, por vezes com os algarismos em uma tipologia maior ou pelo menos mais destacada do que a própria palavra “desculpa”. Não raro, aliás, esses sinais são o principal elemento gráfico da página, sendo acentuados por signos de explosão, brilho ou surpresa. No interior, por sua vez, cada um desses volumes destaca os argumentos usados nas desculpas. Vários deles trazem, em finais de capítulos, listas de “desculpas adicionais”, em que os autores aproveitam para construir *accounts* mais absurdos e, por isso mesmo, mais próprios para o humor. Por exemplo, em *The Complete Excuses Handbook*, o primeiro capítulo, “Desculpas Gerais” (p. 15), traz sugestões como: “Se eu não fizer isso, meu biógrafo não terá muito sobre o que escrever”, ou: “Quando você é

um espião internacional, não pode questionar sua missão. Você simplesmente a cumpre”. Em outro capítulo, “Desculpas para Celebridades”, o tom satírico se aproveita de ideias como: “Eu sou Madonna. Posso fazer tudo o que eu quiser” (p. 30). Em *1500 Excuses Imparables en Toutes Circonstances*, esses argumentos adicionais ganham ainda ilustrações, como no capítulo sobre “Desculpas para Não Ser tão Generoso”: uma mulher com jeito de carola pede doações e vê passar um milionário que, diante da pedinte, pergunta: “Diga-me: você aceita cartão?” Já *501 Excuses for a Bad Golf Shot* interrompe a sequência numerada que percorre o livro todo para, em páginas inteiras com ilustrações, apresentar argumentos como o de número 50: “Eu jogo melhor contra golfistas realmente bons”. Cada um desses destaques ajuda a compor a economia de desbanalização de que falei anteriormente.

2) Livros centrados em uma ideia de qualidade das desculpas, apresentando um número (por vezes bem) menor de casos, como *The Little Book of Big Excuses* ou os vários textos sobre desculpas em mundos sociais específicos, como *The Contractor’s Book of Excuses: 198 Reasons Why the Job Will Not Get Done* ou ainda *The Funniest Excuse Book Ever*, centrado mais na performance humorística do texto. A ênfase da publicação nesse tipo é no método de construção do discurso a ser dado e na sua qualificação como boa desculpa. Nos 57 títulos que pude alocar nessa categoria, observei um interesse mais forte em colocar sobre a mesa alguns procedimentos gerais para o dar uma desculpa. A começar igualmente pela maneira de esses textos se mostrarem: a maior parte deles apresenta suas desculpas com adjetivos positivos (ou pelo menos eficientes para demonstrar a qualidade das desculpas apresentadas, mesmo que use alguma ironia e picardia para isso em alguns casos), por exemplo: Doe (1977) usa “livro de ouro”; Roberts (1979), “bom livro” e “boas desculpas”; Carroll (1983), “a melhor desculpa”; Chapouton (1987) e Frothingame Evans (1995), “criativas”, além de “para qualquer ocasião” e “inovadoras” para os últimos; Gevertz, Oman e Goodwin (1989) afirmam apresentar “as melhores desculpas de golfe do mundo” e “todas as boas razões”; já Parietti (1990), detém “as melhores desculpas esportivas”; Blumensfeld (1991) diz oferecer “desculpas quase críveis”; disputam

o título de “o melhor livro de desculpas de todos os tempos” Kushner e Hoffman (1991) e Scruton e Plaisted (1996). Há “o kit de primeiros socorros da desculpa” (BRANDRETH e BROWN, 1992) e as “ótimas desculpas” (WEAVER, 1995). Adjetivos como “supremo”, “novas”, “excitantes”, “cintilantes”, “práticas” vêm de Thompson e Hunzeker (1995); “excelentes” é usado por Moore (1991), Pickering e Pickering (1996), Davis (2000) e Carroll, Lippman e Azar (2001), que ainda dizem que as suas são “rápidas” e “funcionais”. Allred e Mecham (1996) afirmam que suas desculpas são “efetivas”; Croucher (1997) teria “as melhores histórias enganosas e desculpas”; Kushner e Hoffman (1998) trariam “o mais engraçado dos livros de desculpas”. As desculpas de De’Ath (2002) seriam “fantásticas” e “da vida real”; as de Davies (2003), “ótimas”, “efetivas” e “críveis”; enquanto seriam “grandes” as apresentadas por Dewin (2004) e Johnson (2006); e “as melhores” as de Tardy (2006). Green (2004) venderia o “superlivro”.

Esse autoelogio dos procedimentos deixa claros seus resultados. Mas se o dar uma desculpa pode ser pensado justamente como operação a ser realizada situacionalmente a partir do domínio de suas regras (e não como memória de uma galeria, como no modelo anterior), ele exige um grau de reflexividade e estratégia social bastante desenvolvido. De fato, um certo tom didático domina os textos deste tipo, como no caso dos ensinamentos dados por Addie Johnson no *Little Book of Big Excuses* ou por Bill e William F. Howell em *Why???: A Practical Guide of Excuses for the Married Man Or About to Be!!!*. Em todos esses casos, uma abordagem claramente teatral da vida social surge como escopo. Esse tipo de abordagem poderia conduzir a um olhar próximo ao proposto por Goffman (1959; 1971), sugerindo um social em que os atores articulam “estratégias” em suas ações. Mas uma fala de Johnson (2007, p. 5) me sugeriu olhar para sua abordagem de maneira diferente: “Fazemos muita coisa sem pensar, mas há momentos em que precisamos pensar para fazer as coisas, por isso, todos damos desculpas”. Isso implica pensar que as atuações seguem diferentes formas de coordenação de ações na vida social. É justamente o que articula Thévenot (2006), ao propor diferentes “regimes de engajamento” dos atores, ou seja, diferentes gramáticas de inserção lógica nas

situações do mundo social. Ele define três desses regimes: “engajamento em familiaridade” (segundo o qual os atores se engajam nas situações segundo proximidades e reconhecimentos que dispensam a avaliação); “engajamento planejado” (que trata de “um tratamento conjunto de um sujeito engenhoso e estrategista e de um meio preparado para uma utilização funcional”, p. 15); e “engajamento justificável” (no qual os atores dependem de negociações em torno de princípios de legitimação). Isso permite pensar um ator social que não precisa apenas estar no palco, exercendo papéis, podendo também constituir-se como um ser que se despe inclusive de sua profissão e que, na coxia, perde por vezes a consciência dela, alterando a abordagem cognitiva com que se aproxima do mundo.

O momento do dar uma desculpa, então, pode ser pensado como um instante em que se cruzam diferentes formas de engajamento. Se os manuais mostram que a desculpa é passível de utilização instrumental, eles demonstram ao mesmo tempo, graças a sua percepção de um procedimento metodologizável, uma incorporação também inconsciente por parte dos mesmos atores que a utilizam conscientemente. Essa diferença, ironicamente, mostra que não faz diferença se há consciência ou não. Assim, quando Johnson sugere que a primeira regra para uma boa desculpa é que “o diabo está nos detalhes” (p. 8), não deixa de ser tentador fazer uma metáfora religiosa: Satã, na Bíblia, ocupa o lugar de supremo deslocamento de responsabilidade, como “desculpa original para o pecado original” (WERNECK, 2009). Ora, ele está nos detalhes. Ainda mais quando a autora afirma que “detalhes” é um sinônimo para “verdade”: “Uma vez que você criou uma história crível, ela deve ser preenchida com acepipes apetitosos para sustentá-la” (p. 8). Não é muito diferente do que recomendam outros autores. A ideia de que é necessário demonstrar criatividade literária para uma boa desculpa e que ela tem que soar verossímil é recorrente em todos os manuais. Mas esse dado também pode ser enganoso e apontar apenas para uma superficialidade retórica: uma boa desculpa teria que ter muitos detalhes porque, como mentira, precisaria parecer uma verdade.

Há, entretanto, uma outra forma de pensar essa máxima, mais abstratamente: o imperativo de detalhismo conduz não apenas para a veracidade, mas também para o reconhecimento do objeto. Uma desculpa dada pode servir como um ativador, como uma forma de conduzir para uma ação social específica e que, para tal, dependa de alguns traços, como se fosse uma fechadura musical a necessitar de determinadas notas para ser aberta. “O movimento de dar uma desculpa, quando iniciado, prossegue, com várias delas, como se nunca fosse acabar”, observa Boltanski (2006-2007). Nesse sentido, não será tanto o conteúdo mesmo de uma desculpa o seu principal elemento. Isso fica ainda mais claro quando a mesma cartilha sugere: “Lembre-se que o exagero é seu amigo” (p. 9). O detalhismo parece indicar que um desses traços é uma narratividade, uma competência para constituir uma narração dotada de traços capazes de realizar a ação demandada pela desculpa dada.

Desculpas esfarrapadas

Guca Domenico disse, ao ser entrevistado⁹, que escreveu *1001 Desculpas Esfarrapadas: As Melhores e Mais Eficazes Maneiras de Justificar o Injustificável* por ser “moralista”. De fato, ao se observar os dois volumes que ele publicou, o primeiro em 2003 e um segundo, *1001 Desculpas Esfarrapadas de Políticos*, em 2005, fica claro que a posição assumida pelo narrador é tipicamente a de “empreendedor moral” (BECKER, 2008, p. 153), o ator social que “exibe a iniciativa de produzir e reproduzir as regras”. Seus dois livros podem ser classificados como manuais de desculpa a partir da definição formal que impus: eles listam esse tipo de *account*. Mas embora o autor promova uma manualização, o objetivo explícito do livro (assim como o de outros que analisei) é o de ironizar o ato de dar uma desculpa, a partir de uma medida do excesso: para vários dos autores (Domenico entre eles), dão-se desculpas demais.

De fato, os manuais de desculpa podem ser divididos em duas outras categorias: a) manuais de autoajuda, aqueles desenhados conforme uma indicação positivizada do uso

9 Conversei com o autor no final de 2008. A conversa com ele buscava observar sua interpretação da ideia de produzir um “manual de desculpas”, no sentido como o defini aqui, e para que ele desse conta dos princípios de construção das desculpas que produziu para o livro. Ao fazer o contato para marcar a entrevista, recebi dele a seguinte resposta, por e-mail: “Bem que gostaria de lhe dar a entrevista, mas acontece que estou na Índia, pendurado no teto de um templo budista fazendo a meditação do telhado. Será que esta desculpa convenceria?” Era, claro, uma brincadeira e nos telefonamos imediatamente depois (eu no Rio e ele em São Paulo), mas essa fala já ajuda a reiterar um dos princípios mais fortes de seu trabalho: construir uma compilação de hipérboles.

das desculpas como estratégia relacional, uma compreensão instrumental do uso das desculpas como manobra social; e b) antimanuais, os que se posicionam criticamente em relação a essa compreensão e esse uso instrumental. Alguns dos livros apresentam posturas duplas, mas, de maneira geral, eles se dividem entre essas duas atitudes. O tipo (b) é o caso de Domenico, como pode ser constatado em sua abordagem e confirmado em sua fala:

Se eu fosse fazer um manual, seria ridículo. Eu ia ensinar a fazer fraude? Sou pai de quatro filhos e assumo esse papel de pai. Dizem até que sou linha dura. Não acredito nessa onda de oba-oba. E como minha arma é o humor, há uma lição de moral que a gente procura passar, mas sem ditar regras. Quando você opta pelo humor, retira toda possibilidade de dar bronca.

Essa perspectiva moralista, transparente em 44 dos manuais investigados, é compartilhada por boa parte das análises acadêmicas feitas sobre o tema. Benoit (1995), no âmbito da análise da retórica de discursos políticos, fala de um “exagero retórico” no uso das “estratégias de restauração de imagem”. McDowell (2000) fala em “crise ética contemporânea” para tratar do que ele considera uma produção exagerada de desculpas, inicialmente no âmbito profissional, depois generalizadamente (p. VII):

Havia [*no momento em que ele decidiu escrever seu livro*] uma propensão quase universal a dar desculpas, independentemente de serem ou não plausíveis, quer funcionem propriamente ou não, sejam elas apresentadas para um trabalho atrasado, para aparecer despreparado para uma aula, oferecer uma resposta satisfatória a uma questão do professor ou se dar mal em uma prova. Relutava-se a assumir responsabilidade por seus erros ou pedir perdão por eles.

Os articulistas americanos Paul Slansky e Arleen Sorkin, autores de *My Bad: 25 Years of Public Apologies and the Appaling Behaviour that Inspired Them*, uma compilação de pedidos públicos de desculpas (*apologies*) que acaba por listar as desculpas dadas (*excuses*) por essas mesmas personagens na esfera pública, afirmam que “a perda de vergonha crescentemente define nossos discursos”.

De fato, o jornalista americano Patrick Goldstein, do Los Angeles Times (26/12/2006), ao classificar 2006 como “o ano dos pedidos de desculpa” – devido a uma “epidemia” de *apologies* por parte de várias celebridades nos Estados Unidos e no mundo¹⁰ – chama a atenção para o fato de que nenhuma dessas demandas de perdão veio sem a apresentação de desculpas para as ações, todas, segundo ele, esfarrapadas. É a mesma sensação percebida em Domenico, que a usa como justificativa para seu livro:

Ele veio porque sou uma pessoa muito direta. As pessoas dizem até que sou sem educação. Mas estamos acostumados a dizer sim quando queremos dizer não. Dizemos que vamos passar [na casa de um amigo], mas não vamos. Quando fazia shows [ele é músico], as pessoas diziam: “Poxa, mas você não avisa!” Comecei, então, a avisar. E as pessoas diziam que iam. E não iam. E inventavam desculpas para explicar por que não tinham ido. E começaram a vir umas desculpas que, pelo amor de Deus, não dava! Eu pensava: “Essa aí de novo? Não dá!” É sempre alguém que morre! Me ocorreu, então, a ideia de inventar umas desculpas para eles.

Logo depois, ele atribui uma tarefa para seu objeto: “As desculpas são um amortecedor social”. A escolha do termo é sugestiva: relaciona as desculpas à redução de impacto. Ela funcionaria como mola entre atores que poderiam entrar em conflito se houvesse total sinceridade. Ao mesmo tempo, essa metáfora aponta para uma dimensão dispositiva: a desculpa dada operaria como um equipamento, algo que realiza um trabalho, ou que, com a definição física, reduz o trabalho de aplicação de uma força. Além disso, o uso de uma categoria mecânica reforça a noção de manutenção que sugiro ser o centro do papel desempenhado pela desculpa dada.

Esse parece um ponto de partida importante para o trabalho de Domenico: sua iniciativa veio, segundo ele, porque ouvia mentiras demais dos amigos. Mas o elemento mais importante na fala do artista é uma certa crítica estética: não é tanto a mentira que ocupa o lugar de vilã em sua fala, mas sim a mentira ruim. E por “ruim” não se entende, nesse caso, uma inverdade que soe inverossímil. Na fala dele, o problema é que as desculpas eram repetitivas, soavam como “mais do mesmo”, eram “essa de novo”. Ele elege, então, um oponente, o clichê, o “senso comum”, a falta de criatividade. Assim, ele se posiciona como crítico em

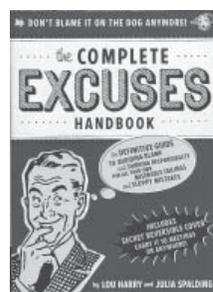
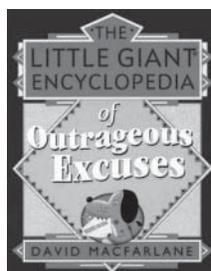
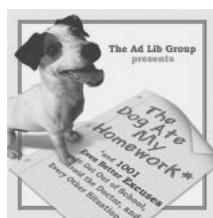
10 Entre as muitas celebridades que foram à mídia depois de aparecerem na mesma criticados por terem praticado algo que desagradou alguém estava o astro de cinema americano Mel Gibson, que, quando foi parado por excesso de velocidade enquanto dirigia embriagado, ao constatar que os policiais eram judeus, disse: “Os judeus são responsáveis por todas as guerras do mundo!” Depois, Gibson mostrou arrependimento em um programa de TV e atribuiu justamente ao álcool seu deslize. Outro caso famoso foi o do humorista Michael Richards, do seriado televisivo *Seinfeld*, que fez piadas racistas em uma apresentação. Ao ir a um *talk show* logo depois, ele tentou dar conta do que disse com um: “O mais insano sobre essa história é que eu não sou racista!” Outra estrela que deu uma desculpa um tanto esfarrapada quando pedia desculpas foi a atriz Sienna Miller, que chamou a cidade em que estava filmando de Shittsburg (em vez de Pittsburg, trocando o início do nome pela palavra em inglês para “merda”). Na correção, ela disse que “conversações podem ser facilmente manipuladas na imprensa”. No Brasil, um caso semelhante: a *funkeira* carioca Tati Quebra-Barraco foi parada por policiais em uma blitz e notificada por estar sem habilitação e os insultou, chamando-os de “mortos de fome”. Depois de protestos, ela foi a público pedir desculpas à PM e ao batalhão da corporação: “Não me lembro de ter falado, estava nervosa, mas me referia apenas àqueles policiais que me abordaram”. E, mais à frente: “E se eu estava sem habilitação, eles roubaram meu rádio e tentaram extorquir dinheiro da gente” (*O Globo*, 15/10/2006).

duas frentes: uma ética e uma estética. Domenico se caracteriza como “um chato”, alguém que está “sempre chateando” (o que mais uma vez o associa ao empreendedor moral). A dimensão estética, entretanto, está a serviço do empreendimento moral: “Fazendo isso por meio do humor, você desarma o inimigo”.

Dois tipos de desculpas à mão

Baseando-se em Austin, Scott e Lyman (2008[1968]) propuseram uma tipificação para as desculpas: a) apelo a acidentes; b) apelo à anulação; c) apelo a determinações biológicas; e d) uso de bode expiatório. Cada um desses tipos aponta para uma modalidade de conteúdo textual: eles são centrados no que a pessoa diz. E, de fato, essa parece ser a maneira mais lógica de se tipificar desculpas, uma vez que elas são discursos. Entretanto, sugiro que é justamente no lado de fora da expressão verbal que se encontra o sentido sociológico do dar uma desculpa. A observação atenta dos manuais me conduziu para a ideia de que esses tipos discursivos podem ser vistos como dois tipos actanciais. Se pensarmos em uma tipificação mais abstrata e reduzirmos essas variações a transformações efetivas no fenômeno em questão, veremos que (a) e (d) correspondem a um mesmo fenômeno, A; e (b) e (c) a um outro, B.

A. O cachorrinho e a impressora devoram o dever: o modelo do “não era eu”



O personagem recorrente, em três situações: ele é o protagonista do próprio título em *The Dog Ate My Homework*; na *Little Giant Encyclopedia*, converte-se em ícone do próprio processo, encenando como ação o que o colega sugere em palavras; e *The Complete Excuses Handbook* faz alusão (inclusive visual) a ele, sugerindo uma ampliação da eficiência pela fuga do clichê: “Não culpe o cachorro nunca mais!”

As três capas acima fazem notar um fato curioso: há curingas no baralho do dar uma desculpa. Nos manuais de desculpa que observei, esse objeto toma a forma de... um cachorro, um inocente e aparentemente inofensivo cãozinho doméstico. Como aparece nessas capas, o argumento genérico de que “o cachorro comeu meu dever de casa” assume várias formas, como em *The Dog Ate My Car Keys: And Other Great Excuses Not to Go to Work*.

De fato, o cachorro aparece tanto nos títulos – *Creative Excuses for Every Occasion: Old Standards, Innovative Evasions and Blaming the Dog; The Dog Ate My Scriptures: Excuses, Agency, and Responsibility; The Dog Ate My Homework: And 1,001 Even Better Excuses to Get Out of School, Avoid the Dentist, and for Every Other Sticky Situation* – e nas capas – a ilustração de *1500 Excuses Imparables*, por exemplo, mostra um canino que urina nos pés de uma senhora, revoltada diante do dono do animal, constrangido; a de *Scooby-Doo’s Little Book of Big Excuses* traz, obviamente, a imagem de seu famoso personagem; e a igualmente espirituosa foto de um *airedale terrier* comendo uma folha de caderno estampa a frente de *Excuses!: Survive and Succeed with David Mortimore Baxter*.

Mas é sobretudo nos textos que o animalzinho mantém uma dieta à base de responsabilidade alheia: ele é recorrente em quase todos os trabalhos investigados. É culpado pela não entrega de trabalhos escolares e por atrasos para reuniões, mas o cão é o bode expiatório também para problemas conjugais (como para bilhetes comidos que provocam desencontros) e pequenos conflitos entre estranhos (como desatenções que levam a pisadas de pés).

Essa presença, de fato, corresponde ao “apelo ao bode expiatório” de Scott e Lyman. E não é operada apenas por cães (embora, por exemplo, cada página do *1500 Excuses Imparables en Toutes Circonstances* traga um dica de como “jogar a culpa no cachorro”), mas também por serpentes ou aparelhos eletrônicos (impressoras que “comem o dever de casa” são astros em vários dos livros). É uma substituição tão repetida que por vezes é confundida com a própria definição de desculpa: não é minha culpa porque é culpa de outro. A ação pode ter sido praticada por mim, mas a responsabilidade por ela estaria em outro ator.

Senão, vejamos: “Bom dia, não chegarei para o trabalho hoje. Acordei com uma terrível dor nas costas e mal consigo me mexer. Se conseguir recobrar os movimentos amanhã, eu vou” (TARDY, p. 6) – para não ir ao trabalho; “Meus pais me mandaram a conta pelos custos de minha educação” (MACFARLANE, p. 320) – para falta de dinheiro; “Acabamos de ganhar um filhinho (de cachorro, naturalmente) e ele fica ganindo até morrer se a gente se afasta um centímetro que seja dele” (FROTHINGHAM, EVANS e ROBINE, p. 12) – para não ir a uma reunião social; “Minha mãe disse que tinha te mandado!” (ZGOURIDES e PICKERING, p. 111) – para ter cabulado o envio de um documento importante; “Não era realmente eu. Eu estava sob efeito de medicação” (HARRY e SPALDING, p. 61).

Há, entretanto, outra maneira de ler essa operação: é usar como referência o próprio desculpando, o ator que dá a desculpa. Quando se está falando do cachorro, “foi ele”, está-se ao mesmo tempo dizendo: “Não fui eu”.

É uma torção lógica mais complexa do que parece. Em vez de significar apenas um simples lançamento da batata quente para a mão de outro, essa leitura permite enxergar a construção de uma revisão de temporalidade, criando um tempo outro, por meio da geração de um outro ente: aquele que praticou a ação que causou mal-estar relacional não era este que está agora falando, uma pessoa que concorda com a regra moral em questão e que não a descumpriria em condições normais. Aquele que praticou a ação é um outro: a torção contida nesse tipo de desculpa dada é a da construção de dois estados distendidos no tempo, um de normalidade (atual, no qual se dá a desculpa e se afirma uma condição na relação) e no qual se está inserido em uma situação de potencial conflito provocado pela demonstração/percepção de mal-estar, e outro de anormalidade, de desvio (que se quer) compreensível (anterior, no qual se deu a ação). Entender o sentido sociológico dessa mudança de referência depende de se pensar no estatuto de uma relação duradoura, na qual uma economia da reputação será determinante. Mas a ideia de uma ação motivada pela manutenção de um estado de paz fala igualmente das interações furtivas. Ambas são beneficiadas pela construção desses dois tempos e desses dois entes: o que fica claro aqui é a perenidade do arrefecimento de conflito, o fato de que o processo de manutenção faz parte do próprio estatuto da relação social.

B. Mais real que o rei: o modelo do “é assim mesmo”

Mas se o modelo do “não era eu” parece, em uma observação inicial, ocupar a posição de metonímia do próprio ato de dar uma desculpa, por outro lado, a observação exaustiva de milhares de desculpas dadas¹¹ aponta para uma série de falas que não se encaixam nesse tipo. São desculpas como as de Harry e Spalding, “Não recebi amor suficiente quando eu era pequeno” (p. 11) ou “Eu sou Madonna” (p. 30) – ambas para um rompante de agressividade; “Considerando que eu tenho 75 e provavelmente não viverei mais do que 48 meses mais, por que eu deveria perder um fim de semana?” (HOWELL E HOWELL, p. 12) – para não ir a um casamento em outra cidade e que tomaria o sábado e o domingo; “Eu tenho vermes. Dos compridos” (MCFARLANE, p. 32) – para evitar várias situações, afirmando uma fraqueza; “Não é assim que fazemos isso” (ZGOURIDES e PICKERING, p. 57). Todos esses argumentos deslocam a responsabilidade não para um outro ator, mas para uma espécie de realidade alternativa: não é mais o eu que é um outro, mas a situação que é outra. Se há uma regra normalmente observada e respeitada pelos atores, sob determinadas circunstâncias é igualmente normal que ela não seja respeitada. A explicação se baseia na constatação de um traço típico de algum interactante (pessoas ou coisas) envolvido na situação: a ação transcorreu de tal forma que causou mal-estar relacional porque algo “é assim” (ou “não é assim”, o que é apenas uma inversão sintática do mesmo conceito).

Esse tipo de perspectiva sugere um olhar relativizador para a relação com a regra moral: apesar de ela ser consagrada, ou seja, conhecida, reconhecida e aceita por todos os envolvidos, não opera logicamente de maneira restritiva; determinados traços de outras regras morais, de graus de consagração ou de incidência inferiores, podem com ela se chocar, estabelecendo tensões nas situações em que elas se deparam uma com a outra. Essa forma de deslocamento, então, aponta para a criação de uma transubstanciação moral: o conteúdo de uma moral precisa se apresentar como prioritário. É uma busca por prioridade que sugere um caminho mais longo do que uma fala discreta parece demonstrar: não é uma transferência simples entre dois actantes, é uma transferência de um ator para uma situação, que tem que mudar diante dos olhos do empreendedor moral.

¹¹ A fim de delinear o valor simbólico dessa variável, somei os números contidos nos títulos dos livros, para imaginar um “espaço amostral”. Considerando apenas essas obras e, ignorando as repetições e arredondando números como “mais de”, o resultado sugere que passei por pelo menos 11 mil desculpas.

Uma sociologia do absurdo: a dispensa da lógica na argumentação da desculpa

De volta a *1001 Desculpas Esfarrapadas*, de Guca Domenico, sua opção estética informa bastante sobre a abordagem do autor para o que ele próprio chama de “desculpismo”. Se ele critica as desculpas dadas que ouvia por serem banais, as de seu livro seguem, como as dos manuais em geral, uma lógica de hipérbole: desculpa a desculpa, um mesmo movimento se vê, o de criação de histórias absurdas, esfarrapadas, que soem claramente exageradas. Por exemplo, não surpreende que o autor – que diz desconhecer o manancial de manuais existente fora do Brasil – adote ele também a estratégia do cachorro. Mas lhe oferecendo outra forma: “Meu filho foi mordido por um jabuti raivoso e tive que levar o menino ao hospital” (p. 20). E ele também recorre ao cachorro (ou jabuti) tecnológico: “Digitei todo o trabalho no computador, mas na hora de imprimir, deu pau no disquete e não consegui reescrevê-lo” (p. 87). E o absurdo permeará todas as desculpas de seu texto: “O que, seu guarda, 173 por hora? O senhor me desculpe, eu estava ouvindo o hino da polícia rodoviária, que, aliás, é lindo, me empolguei e fui acompanhar o ritmo com o pé direito, acelerei um pouquinho... 173? Puxa!” (p. 46); “Ainda não estou pronta para um relacionamento mais sério, não quero te magoar, nem te machucar: você vai encontrar uma pessoa melhor que eu” (p. 61). “O Thiaguinho é muito legal, mas preciso terminar a tese de mestrado sobre a influência dos corpos celestes sobre a dúvida existencial na Idade Média” (p. 84-85, desculpa sugerida “para quem não quer ir ao aniversário do sobrinho”). Em seu segundo livro, *1001 Desculpas Esfarrapadas de Políticos*, o mesmo tipo de construção é recorrente, com um grau ainda maior de exagero. Nesse caso, elas são mesmo “esfarrapadas”. São desculpas como a da seção “promessas de campanha”, que sugere *accounts* para não as cumprir: por exemplo, ele propõe ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito em 2002 com a promessa de gerar 10 milhões de empregos até o final de seu governo, dizer (p. 18): “Diga que a imprensa não vê o lado positivo das coisas. Seu governo gerou um milhão de empregos, mas cada cidadão empregado, orgulhoso de trabalhar pelo progresso da nação, sente-se valendo por dez. Dez vez um é dez...” Ou quando está

sugerindo desculpas de governantes para filas em postos de saúde em cada estado brasileiro e apresenta a seguinte para o Rio de Janeiro (p. 60): “Isso é típico desse povo ordeiro, o carioca. Diferente do paulista, que adora furar a fila. É por causa de nossa organização que fazemos o maior carnaval do mundo, certo?”

Esse tom hiperbólico aponta para uma desarticulação dos conteúdos mesmos dos argumentos a serem avaliados logicamente, uma prova. Essa categoria é, segundo Boltanski e Thévenot (1987), primordial para se considerar uma justificação e, com isso, situar o momento em um plano universalizado, de “princípio superior comum”. Para Domenico, é justamente o contrário:

A hipérbole é um reforço do moralismo: já que a pessoa vai ocupar meu tempo dando uma desculpa, que ela seja inventiva. Por exemplo, contando uma história totalmente absurda. E assim como quem ouve sabe que a história da avó que morreu é mentira, é apenas uma desculpa, se eu digo que o jabuti mordeu o menino, ele também sabe. Mas esta é nova, pelo menos. Conclamo, então, a pessoa a agir de maneira criativa. O importante do jogo aí é: eu não vou acreditar. Isso está combinado: quem ouve, não acredita. Mas também não vai dizer que não acredita.

Destarte, ele afirma que há um acordo tácito estabelecido, uma espécie de ritual social: independentemente do conteúdo do que se diga, a desculpa dada manifesta um compromisso de reciprocidade, uma narratividade ligada à manifestação de uma prestação de contas. Mas não sem abrir mão do recurso à mentira. Esse recurso, entretanto, não vem sem mais um protocolo de compromisso com um objetivo estético: “A verdade é que qualquer desculpa serve. Ninguém acredita mesmo. Até porque não se trata disso. Ela pode ser uma desculpa verdadeira. Mas para fazer humor, não pode ser qualquer coisa, preciso do absurdo”. Aqui ele articula uma definição que se diferencia daquela com que vinha trabalhando até agora, usando a mentira como praticamente um sinônimo de sua matéria-prima de trabalho. “A desculpa é uma coisa que usamos para mostrar que as coisas aconteceram de um jeito muito peculiar. É uma inversão, o uso da circunstância como princípio em vez do princípio como princípio”, diz.

Conclusão substantiva: da desculpa como forma de efetivação

O uso dessas operações de narratividade aponta para uma conclusão inevitável sobre o ato de dar uma desculpa: quando operado, ele, como disse anteriormente, dá trabalho. Vejamos: de um lado, uma parte (ator) que, consciente ou inconscientemente, assume a posição de empreendedor moral: ele, ofendido pela ação do outro, encontra-se em uma situação de mal-estar. A ofensa foi produzida porque a regra moral consagrada foi descumprida. Ora, o que se tem em mãos aqui é um ator que está investido do máximo de generalidade, de universalidade, que possa alcançar: ele é o ícone da utopia de cumprimento da moral “superior comum”. Do outro lado, entretanto, temos um ator que, munido de um discurso performatizado pela narratividade, posicionou-se no polo oposto em termos de generalidade: sim, a regra deve ser cumprida sempre que possível, mas, nessas circunstâncias peculiares, não foi, ou porque não era eu ou porque é assim mesmo. O desenho da ação produzida pelo dar uma desculpa é claro: é o convite à migração de um plano ideal, superior, a um plano pragmático, circunstancial.

O que a observação dos manuais e de seus procedimentos permitiu depreender é que esse movimento, facilmente metaforizado como uma “descida”, não é uma queda, ou seja, não apenas por uma percepção lógica de “impossibilidade” do universal. Não é, então, por, digamos, ação da gravidade, que se dá a circunstancialização. A posição de empreendedor moral (no alto) é sólida e tende a se manter. Daí, a desculpa prova que há gasto de energia nessa operação. O que se dá aqui, então, é a disputa entre duas condições. Mas em que termos?

Vejamos um exemplo: quando um idoso, como em um exemplo dado anteriormente, diz que não irá a uma festa de família, na qual sua presença seria moralmente obrigatória, e que não fará isso porque é velho e provavelmente não terá “48 semanas de vida a mais”, ele está dizendo que uma determinada normalidade (a ideia de que não se pode desperdiçar o tempo quando não se dispõe de muito dele) deve ter precedência sobre a regra de conduta que exigia sua presença. Ele afirma que essa condição é a melhor, é a *mais efetiva*.

Por “mais efetiva” entendo uma ação que produz mais efeitos que outra, ou seja, uma ação que infere mais sociação. O conceito de sociação, um dos centrais da obra de Simmel, é extremamente útil, relevante para pensar a maneira como as ações são operadas socialmente. Segundo ele, a sociação, o centro da vida social, é composta pelas interações fluidas que se formam e desfazem (ou não). A sociação combina diversas formas de ação conforme diferentes interesses. Adoto de Simmel a ideia de que o social é movido pelo próprio processo de busca de sociação. Nesse sentido, um modelo sociológico torna-se a descrição de alguma forma de constituição da sociação. Minha sugestão é pensar essa noção de efetivação como uma medida de manutenção da sociação, por meio de sua reprodução, ou seja, das interações efetivadas. Ela intensifica as interações. Se com o velho “é assim mesmo”, sua velhice, naquele momento, é mais efetiva que a obrigação de prestigiar seu clã.

Os dois modelos de desculpa apresentados aqui, então, ajudam a pensar em uma certa abordagem sobre as relações sociais: a de que uma variável útil para delas dar conta é a ideia de sociação efetiva. Se adotamos a efetivação como pergunta essencial sobre os fatos sociais – pensando que um fato se dá quando se efetiva, ou seja, quando é e produz efeito, e que ele tem lugar em vez de outro fato social porque mais se efetiva, estamos optando por uma dimensão essencialmente pragmática: é a partir das consequências das ações que se podem fazer afirmações sobre o social.

Quando se usa um argumento que transfere a responsabilidade – ou seja, o poder de decisão – sobre a ação de um actante para outro, também entra em jogo uma pergunta sobre o que é mais efetivo: a mudança, então, faz a sociação depender da competência do ator para demonstrar um outro quadro de grandeza. Em um modelo baseado em um princípio de poder, isso poderia parecer uma simples transferência dele: o outro actante seria mais efetivo que o desculpando na ação. Mas o que parece estar em jogo nesse caso – e se olharmos para o caso sem um princípio que o guie a priori – é a efetivação de uma outra condição, a de uma perda de poder. A imagem em questão na economia da efetivação é de uma condição de impossibilidade de agir

com total liberdade. Se no modelo do “é assim mesmo” essa perda de liberdade se dava com a existência de uma normalidade mais efetiva que a ação pessoal, aqui essa perda de liberdade é dada por uma liberdade maior da parte de outro actante. Não é, entretanto, essa liberdade o que é efetivado no procedimento de dar uma desculpa, e sim justamente a condição de limitação.

Isso leva à principal conclusão que extraí da observação dos manuais: o processamento do dar uma desculpa opera um fenômeno social específico, o de alteração do modo como se efetiva uma situação relacional, de um modo baseado na efetivação universal (contido na regra moral) para outro modo, no qual um dos elementos envolvidos na situação, ou o desculpando ou a situação mesma, é tratado de maneira peculiar, especial, recebe tratamento “no pessoal”, “particularizado”. Essa conclusão me levou a pensar em diferentes regimes de efetivação (WERNECK, 2009) e a afirmar que a desculpa opera uma torção entre um *regime de efetivação por universalidade* e um *regime de efetivação por particularidade*, elementos de uma tipologia mais extensa, mas que, aqui, servem para dar conta do principal aspecto do dar uma desculpa: ele contribui para a manutenção das relações por oferecer a elas uma via de obtenção de uma condição de paz que não passa pela conflituosidade dos “regimes de disputa”, nos quais a lógica, seja incorporada, seja negociada, pressiona os atores constantemente. A desculpa proclama: não se fala mais nisso. É como diz Addie Johnson em seu manual (p. 4): “Temos um músculo moral, e [como todo músculo] ele tem que passar por sessões de alongamento. A desculpa é um procedimento de alongamento da verdade”.

Referências

- AUSTIN, John L. (1962), *How to do things with words*. Cambridge, Harvard University Press.
- _____. (1979), "A plea for excuses". Em: URMSON, J. O. [e] G. J. Warnock (orgs.). *John Austin: Philosophical papers*. Londres, Oxford University Press.
- BECKER, Howard S. (2007), *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2008 [1963]), *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BENOIT, William L. (1995), *Accounts, excuses, and apologies: A theory of image restoration strategies*. Nova York, State University of New York Press.
- BLUMER, Herbert. (1986 [1969]), *Symbolic interactionism: Perspective and method*. Berkeley, University of California Press.
- BOLTANSKI, Luc. (1990), *L'amour et la justice comme compétences: Trois essais de sociologie de l'action*. Paris, Métailié.
- _____. (2004), *La condition foetale: Une sociologie de l'engendrement et de l'avortement*. Paris, Gallimard.
- _____. (2006-2007), *Anotações de aula do seminário "Sociologie des opérations critiques"*. Paris, Groupe de Sociologie Morale et Politique/EHESS.
- _____. [e] THÉVENOT, Laurent. (1987), *Les économies de la grandeur: Cahiers du Centre d'Études de l'Emploi, 31*. Paris, Presses Universitaires de France.
- _____. (1991), *De la justification: Les économies de la grandeur*. Paris, Gallimard.
- CHATEAURAYNAUD, Francis. (1991), *La faute professionnelle: Une sociologie des conflits de responsabilité*. Paris, Métailie.

- DEWEY, John. (1998), *The essential Dewey – Vol 1: Pragmatism, education, democracy*. Bloomington, Indiana University Press.
- GARFINKEL, Harold. (1967), *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs (Nova Jersey, EUA), Prentice-Hall.
- _____. (2002), *Ethnomethodology's program: Working out Durkheim's aphorism*. Nova York, Rowan & Littlefield.
- GOFFMAN, Erving. (1959), *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Anchor Books.
- _____. (1963), *Behaviour in public places*. Nova York, The Free Press.
- _____. (1967), *Interaction ritual: Essays in face-to-face behavior*. Nova York, Pantheon Books.
- _____. (1971), *Relations in public: Microstudies of the public order*. Middlessex, Penguin.
- GOLDSTEIN, Patrick. (26/12/2006), “‘Sorry’ seems to be the easiest word”. *Los Angeles Times*, The big picture.
- HABERMAS, Jürgen. (1984 [1981]), *The theory of communicative action – Vol. 1: Reason and the rationalization of society*. Boston, Beacon.
- HERZFELD, Michael. (1982), “The etymology of excuses: Aspects of rhetorical performance in Greece”. *American Ethnologist*, Vol. 9, nº 4, pp. 644-663.
- _____. (2006), “Practical mediterraneanism: Excuses for everything, from epistemology to eating”. Em: HARRIS, William VerNon. *Rethinking the Mediterranean*. Nova York, Oxford University Press, pp. 45-63.
- HIRSCHMAN, Albert O. (1973), *Saída, voz e lealdade: Reações ao declínio de firmas, organizações e estados*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1979), *As paixões e os interesses: Argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- IDOMENEOS, Angeliki. (1996), *L'excuse en France et en Grèce dans la vie quotidienne (étude contrastive d'échanges langagiers)*. Paris, Atelier National de Re-production des Thèses.
- LATOURE, Bruno. (1997), *Ciência em ação: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Unesp.
- MCDOWELL, Banks. (2000), *Ethics and excuses: The crisis in professional responsibility*. Londres, Quorum Books.
- MCEVOY, Sebastian. (1995), *L'invention défensive: Poétique, linguistique, droit*. Paris, Métailié.
- MISSE, Michel. (1996), "O senhor e o escravo como tipos-limite de dominação e estratificação". *Dados*. Rio de Janeiro, Vol. 39, nº 1, p. 61-100.
- MEAD, George Herbert. (2002), *The philosophy of the present*. Amherst (Massachusetts, EUA), Prometheus.
- POGREBINSCHI, Thamy. (2005), *Pragmatismo: Teoria social e política*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- SCHUTZ, Alfred. (1998 [1951]), *Éléments de sociologie phénoménologique*. Paris, L'Harmattan.
- SCOTT, Marvin B. [e] LYMAN, Stanford. (2008[1968]), "Accounts". *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*. Vol. 1, nº 2, pp. 139-172.
- SIMMEL, Georg. (1971), *On individuality and social forms*. Chicago, University of Chicago Press.
- _____. (2006), *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- SYKES, Gresham M. [e] MATZA, David. (1957), "Techniques of neutralization: A theory of delinquency". *American Sociological Review*. nº 43, pp. 643-656.
- THÉVENOT, Laurent. (2006), *L'action au pluriel: Sociologie des régimes d'engagement*. Paris, Éditions de la Découverte.

_____. (2006-2007), Anotações de aula do seminário “L’action au pluriel: du proche au public”. Paris, Groupe de Sociologie Morale et Politique/EHESS.

WEBER, Max. (1947), *Theory of the Social and Economic Organization*. Glencoe, The Free Press.

WERNECK, Alexandre. (2008), “Uma definição sociológica do dar uma desculpa: Do senso comum à sociologia pragmática”. Em: MISSE, Michel (org.). *Acusados e acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações*. Rio de Janeiro, Revan.

_____. (2008b), “Culpabilidade pública e circunstâncias: casos de desculpas dadas por figuras públicas diante de acusações de corrupção e incompetência em jornais”. Apresentação no 32º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (Minas Gerais), Anpocs.

_____. (2009), *O invento de Adão: O papel do ato de dar uma desculpa na manutenção das relações sociais*. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ.

WRIGHT MILLS, Charles. (1940), “Situating actions and vocabularies of motive”. *American Sociological Review*, Vol. 5, nº 6, dezembro, pp. 904-913.

Anexo – Publicações analisadas

Ano	Título	Autor	Editora	pp. ¹²	T. ¹³	L. ¹⁴
1970	<i>The Book Of Excuses</i>	Gyles Brandreth	Futura	NI	Q	i
1977	<i>The Golden Book of Excuses</i>	Father John Doe ¹⁵	The SMT Guild	56	Q	i
1978	<i>The Excuse Book</i>	Marcia Jacobs	Price Stern Sloan	80	Q	i
1979	<i>Well... Excuse Me: A Good Book Full of Good Excuses</i>	Dennis Roberts	Harvest House	NI	Q	i
1979	<i>Excuses for All Occasions</i>	Bernice A Lever e Gordon Fisher	Highway Book Shop	NI	N	i
1979	<i>One Hundred One Excuses for Not Having Sex</i>	Patricia Westheimer	Westroots	NI	N	i
1980	<i>101 (un)believable Excuses for Breaking your Diet</i>	Patricia Westheimer	Westroots	NI	N	i
1981	<i>Excuses, Excuses, or, How to Get Out of Doing Practically Everything</i>	Robert A. Myers	Bell	NI	Q	i
1981	<i>Excuses, Excuses: How to Get Out of Practically Anything</i>	John Caldwell	Thomas Y. Crowell	NI	Q	i
1982	<i>Smudgkin Elves: And Other Lame Excuses</i>	Dotsey Welliver	Light and Life	116	Q	i
1982	<i>101 Unbelievable Excuses for Not Doing Homework</i>	Patricia Westheimer e Judy Parenio	Westroots	48	N	i
1983	<i>Not Tonight Darling: 1001 Valid Reasons and Excuses</i>	Myed Urts	Pentangle	160	N	i
1983	<i>The Best Excuse... and How to Make it</i>	Donald Carroll	Coward, McCann	176	Q	i
1986	<i>Every Excuse in the Book</i>	Marc Juris e Cindy Juris	Solson	NI	N	i
1986	<i>Le Petit Répertoire des Excuses</i>	Caron e Charbonneau	Editions du Jour	127	Q	f
1987	<i>I'll Drink to That!: 366 Unusual Excuses for a Celebration</i>	Russell Ash e Bernard Higton	Corgi	64	N	i
1987	<i>Sebastian is Always Late: Sebastian Offers Some Imaginative Excuses for Being Late to School</i>	Anne-Marie Chapouton	North South	32	Q	i
1988	<i>Doggone Excuses People Make for Smoking</i>	Shigeru Yabu	Vantage Pr	NI	Q	i
1989	<i>101 Excuses Not Doing Homework</i>	Carly Little	Scholastic Australia	NI	N	i
1989	<i>World's Greatest Golf Excuses: All the Good Reasons for Playing so Bad in the 1990's</i>	Hal Gevertz, Mark Oman e D. Goodwin	Golfaholics Anonymous	NI	Q	i
1990	<i>100 Excuses for Kids</i>	Mike Joyer e Zach Robert	Beyond Words	85	N	i
1990	<i>The Greatest Sports Excuses, Alibis, and Explanations</i>	Jeff Parietti	Contemporary	284	Q	i

12 Alguns dos manuais mais antigos foram acessados no acervo digitalizado da British Library e não dispunham de numeração de páginas. Assinalei esses casos com "NI".

13 Tipo: Q = Manuais centrados na qualidade e no método de construção das desculpas dadas; N = Manuais centrados no número de desculpas apresentadas.

14 Língua: i = inglês; f = francês; p = português.

15 Essa assinatura é um pseudônimo (do padre americano Ralph Pfau). John Doe (e o correspondente feminino Jane Doe) é um nome curinga, algo como "João Ninguém". Era usado para se referir a cadáveres desconhecidos nas batalhas na Inglaterra do século XVII e, desde então, vem servindo, em inglês, para se referir a alguém não identificado.

Ano	Título	Autor	Editadora	pp. ¹²	T. ¹³	L. ¹⁴
1991	<i>Yes, Lord, I Have Sinned But I Have Several Excellent Excuses</i>	James W.Moore	Dimensions for Living	109	Q	i
1991	<i>Book of Lame Excuses</i>	Dan Piraro	Chronicle	72	Q	i
1991	<i>My Grandmother Died Again: And Other Almost Believable Excuses</i>	Warren S. Blumenfeld	Peachtree	82	Q	i
1991	<i>Great All-Time Excuse Book</i>	Maureen Kushner e Sanford Hoffman	Sterling	96	Q	i
1992	<i>The Emergency Excuses Kit</i>	Gyles Brandreth e Judy Brown	Puffin	256	N	i
1992	<i>The Almanac of Excuses</i>	Rupert McPhail e Chutney McPhail	Seven Hills	144	N	i
1995	<i>The Dog Ate My Car Keys: And Other Great Excuses Not to Go to Work</i>	Sherrie Weaver	Great Quotations	365	Q	i
1995	<i>Creative Excuses for Every Occasion: Old Standards, Innovative Evasions and Blaming the Dog</i>	Andrew Frothingham e Tripp Evans	St. Martins Pr.	115	Q	i
1995	<i>The Ultimate Book of Excuses: Fresh, Exciting, Scintillating Excuses (Just Add Water)</i>	John W. Thompson e Damon M. Hunzeker	Fountainhead	NI	Q	i
1996	<i>365 Excuses for Being Late to Work</i>	Andy Sharpe	Adams Media	144	N	i
1996	<i>Excuses, Excuses: How to Duck, Weave and Wriggle Out of Any Situation</i>	Gray Jolliffe	Kyle Cathie	160	Q	i
1996	<i>You Won't Believe This But...: Responding to Student Complaints and Excuses</i>	Gary Colwell	Detselig	96	N	i
1996	<i>The Monster Guide to Excellent Excuses</i>	Fran Pickering e John Pickering	Kingfisher	64	Q	i
1996	<i>The Goldfish Ate My Knickers : Best Book of Excuses Ever</i>	Caroline Scruton e C. Plaisted	Bloomsbury	NI	Q	i
1996	<i>A Complete Guide to Effective Excuses</i>	Wayne Allred e David Mecham	Willow Tree	116	N	i
1996	<i>The Contractor's Book of Excuses: 198 Reasons Why the Job Will Not Get Done</i>	Karyn Zweifel	Crane Hill	NI	N	i
1997	<i>Exam Scams: Best Cheating Stories and Excuses from Around the World</i>	John Croucher	Allen & Unwin	168	Q	i
1997	<i>The Wrong Kind of Shirts: Outrageous Football Excuses, Whinges and Verbal Own Goals</i>	Mark Reynolds	Fourth Estate	112	Q	i
198	<i>The Funniest Excuse Book Ever</i>	Maureen Kushner e Sanford Hoffman	Sterling	96	Q	i

Ano	Título	Autor	Editora	pp. ¹²	T. ¹³	L. ¹⁴
1998	<i>I Didn't Do It... And Other Excuses to Keep You Out of Hot Water</i>	Sherrie Weaver	Great Quotations	168	Q	i
1998	<i>Chocoholic Reasonettes: Little Excuses to Eat Chocolate</i>	Sherrie Weaver	Great Quotations	168	Q	i
1998	<i>Every Excuse in the Book</i>	Craig Boldman e Pete Mathews	MJF	288	N	i
1998	<i>1500 Excuses Imparables en Toutes Circonstances</i>	Andrew Frothingham, Tripp Evans, e Fabrice Robine	Vents d'Ouest	191	N	f
1998	<i>Mulligans 4 All: 101 Excuses, Alibis and Observations on the Game of Golf</i>	Chuck Carlson	Addax	143	N	i
1999	<i>104 Excuses for Work Avoidance</i>	Matthew Court e Dave Brady	Mustard	96	N	i
1999	<i>366 Excuses for a Sherlockian Party</i>	Joel Senter, Carolyn Freeman e Rick Senter	Classic Specialties	NI	N	i
1999	<i>Slick Excuses for Stupid Screwups</i>	Charles Goll	CCC	96	Q	i
2000	<i>Garfield's Big Book of Excellent Excuses</i>	Jim Davis	Troll	80	Q	i
2000	<i>501 Excuses to Go Golfing</i>	Justin J. Exner e Dawn M. Emerson	Greenleaf	144	N	i
2000	<i>1,001 Excuses!: How to Get Out Of... and Away With... Almost Anything</i>	George Zgourides e Nancy L. Pickering	Loompanics	203	N	i
2000	<i>The Hooky Book : More than 200 Excuses for Rolling in Late, Skipping Out Early and Scamming a Whole Day Off</i>	Kerry Speckman	Apiary	137	N	i
2001	<i>Speeding Excuses That Work: The Cleverest Copouts and Ticket Victories</i>	Alex Carroll, Rich Lippman e Joe Azar	AceCo	160	Q	i
2001	<i>Excuses, Excuses: How to Spot Them, Deal with Them, and Stop Using Them</i>	Sven Wahlroos	Backinprint.com	267	Q	i
2001	<i>The Little Book Of Crap Excuses</i>	Michael Powell	Michael O'Mara	96	Q	i
2002	<i>It's Not My Fault Because... The Kids' Book of Excuses</i>	Matt Rissinger, Philip Yates e Jeff Sinclair	Sterling	96	Q	i
2002	<i>Pull the Other One: Amazing Real-Life Excuses from Around the World</i>	Richard De'Ath	Robson Books	182	Q	i
2003	<i>1001 Desculpas Esfarrapadas: As Melhores e Mais Eficazes Maneiras de Justificar o Injustificável</i>	Guca Domenico	Claridade	96	N	p
2003	<i>Don't Just Say No: Give A Great Excuse! Effective And Believable Excuses For Any Situation</i>	Phillips Davies	Knight & Davies	96	Q	i

Ano	Título	Autor	Editora	pp. ¹²	T. ¹³	L. ¹⁴
2003	<i>Giant Book of Put-Downs, Insults & Excuses!</i>	Joseph Rosenbloom e Maureen Kushner	Joseph Rosenbloom e Maureen Kushner	256	N	i
2003	<i>"Your Legs Are Too Long": Getting Beyond Excuses for Erectile Dysfunction</i>	Deborah Kathryn Hargis	Allbright	216	Q	i
2003	<i>Excuse Minute, l'Art d'Apaiser les Relations</i>	Ken Blanchard	Michel Lafon	122	Q	f
2004	<i>501 Excuses for a Bad Golf Shot</i>	Justin Exner	Sourcebooks Hysteria	144	N	i
2004	<i>501 Excuses to Play Golf</i>	Justin Exner	Sourcebooks Hysteria	144	N	i
2004	<i>The Little Book of Excuses</i>	Kaz Cooke	Penguin Global	160	Q	i
2004	<i>Excuses, Excuses</i>	John Foster	Oxford University Press	128	Q	i
2004	<i>Yes But!!!: A Super Book of Excuses</i>	Christine Green	Powerfresh	128	Q	i
2004	<i>Scooby-Doo's Little Book of Big Excuses</i>	Howie Dewin	Scholastic	NI	Q	i
2005	<i>1001 Desculpas Esfarrapadas de Políticos</i>	Guca Domenico	Claridade	96	Q	p
2005	<i>Fairly Odd Excuses</i>	David Lewman	Simon Spotlight	48	Q	i
2005	<i>SpongeBob's Book of Excuses (Spongebob Squarepants)</i>	Holly Kowitt	Simon Spotlight	48	Q	i
2005	<i>101 Shooting Excuses</i>	Bryn Parry	Swan Hill	101	Q	i
2005	<i>Shite Excuses</i>	Móira La Chame	Crombie Jardine	128	N	i
2005	<i>Overeating? 500 Excuses and 500 Solutions</i>	Tonna Brock	Skinned Knees	221	Q	i
2005	<i>The Dog Ate My Scriptures: Excuses, Agency, and Responsibility</i>	John Hilton III	Deseret	CD	N	i
2006	<i>The Little Giant Encyclopedia of Outrageous Excuses</i>	David Macfarlane	Sterling/Chapelle	512	Q	i
2006	<i>Excuses, Excuses! 100 Reasons Why Your Horse Lost the Race!</i>	James A. Vena	Outskirts	136	N	i
2006	<i>The Official Procrastinator's Handbook: A Collection of Excuses for the Procrastinator in your Life!!</i>	Leslie Fehr	AuthorHouse	96	N	i
2006	<i>Forty Excuses to Get Together with the Girls</i>	Nanci Tangeman	BookSurge	142	Q	i
2006	<i>501 Excuses to be Late for Work</i>	Justin Exner	Sourcebooks Hysteria	352	N	i
2006	<i>Best Get Out of Work Excuses</i>	John Tardy	Lulu.com	36	N	i
2006	<i>My Bad: 25 Years of Public Apologies and the Appalling Behavior That Inspired Them</i>	Paul Slansky e Arleen Sorkin	Bloomsbury	248	Q	i

Ano	Título	Autor	Editora	pp.¹²	T.¹³	L.¹⁴
2006	<i>Toutes Les Excuses Pour ne pas Aller Bosser</i>	Sophie Egly, Emmanuel Lehmann e Gabs	Marabout	125	N	i
2007	<i>The Complete Excuses Handbook: The Definitive Guide to Avoiding the Blame and Shirking Responsibility for all Your Own Miserable Failings and Sloppy Mistakes</i>	Lou Harry e Julia Spalding	Cider Mill	224	N	f
2007	<i>The Little Book of Big Excuses: More Strategies and Techniques for Faking it</i>	Addie Johnson	Conari Press	152	N	i
2007	<i>You Can Do It! But Why Bother?: 101 Excuses for Bad Behavior & Stalling Personal Growth</i>	Jeff St John	iUniverse	136	Q	i
2007	<i>Excuses!: Survive and Succeed with David Mortimore Baxter</i>	Karen Taylor	Stone Arch	80	Q	i
2007	<i>Why???: A Practical Guide of Excuses for the Married Man Or About to Be!!</i>	Bill Howell e William F. Howell	Trafford	128	Q	i
2008	<i>Excuses and Lies for All Occasions</i>	Sem assinatura	Knock Knock	NI	N	i
2008	<i>Everyday Cat Excuses: Why I Can't Do What You Want</i>	Molly Brandenburg	Sterling	64	Q	i
2008	<i>His 90 Lame Excuses To Escape Commitment: Know What He Really Means...</i>	Pooja Jhaveri	AuthorHouse	208	Q	i
2008	<i>Coach, I didn't Run Because...: Excuses not to Run</i>	Coach Dean	AuthorHouse	84	N	i
2008	<i>The Dog Ate My Homework: And 1,001 Even Better Excuses to Get Out of School, Avoid the Dentist, and for Every Other Sticky Situation</i>	The Ad Lib Group	Handprint	128	Q	i
2008	<i>Ladies Night: 75 Excuses to Party with Your Girlfriends</i>	Penny Warner	Polka Dot	304	N	i
2009	<i>Excuses 2010 Day-to-day Calendar: Strategies and Techniques to Fake it Through the Entire Year</i>	Addie Johnson	Universe	320	N	i